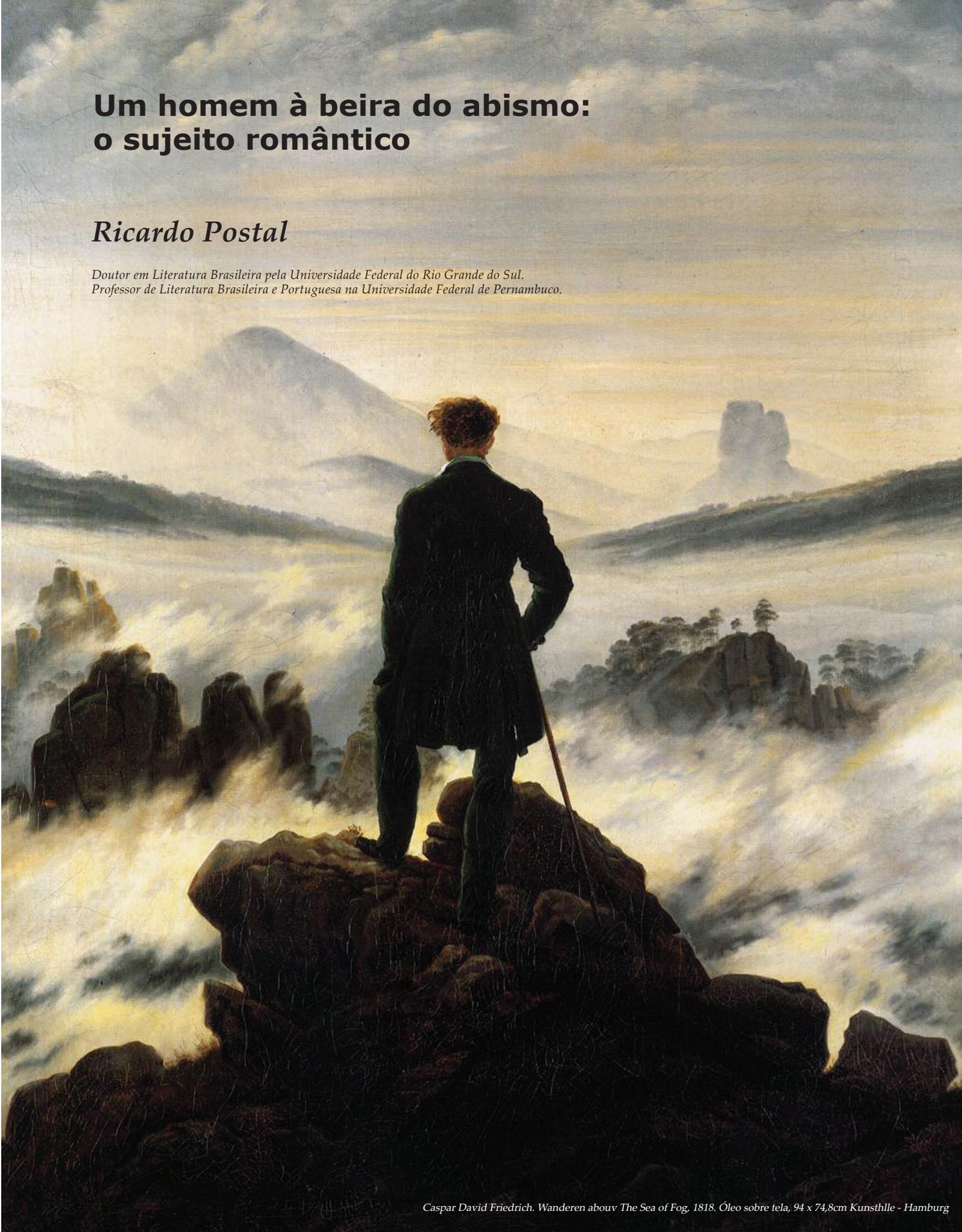


Um homem à beira do abismo: o sujeito romântico

Ricardo Postal

*Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Professor de Literatura Brasileira e Portuguesa na Universidade Federal de Pernambuco.*



"Quase não há verdadeiros gozos senão no ponto em que começa a vertigem".

Goethe

"Todo aquele que tem muita queixa dos homens procura a solidão".

Bernardin de Saint-Pierre

"Mas eu, afastado deles e de tudo, que sou eu mesmo? Eis o que me falta procurar. Infelizmente, essa procura deve ser precedida por um exame da minha situação. É uma ideia por que devo necessariamente passar para chegar deles a mim".

J.J. Rousseau

Solitário sobre um penhasco, à beira de um abismo, um homem se confronta com a efervescência da criação. Neste momento, isolado e absolutamente concentrado em si e no embate com as manifestações do divino que estão frente a sua pessoa, ele só consegue pensar sobre o quanto faz parte daquilo que observa, se é também fruto da divina obra, ou se foi relegado a uma condição inferior por motivos os quais desconhece. Este homem volta as costas ao mundo seu, à civilização, aos outros homens e a tudo por eles construído, "criado", porque ele não quer manufaturar coisas, ele quer gerar um mundo novo, tão belo quanto aquilo que vê, e essencialmente perfeito.

A angústia da impossibilidade de pôr tamanha mestria em algo se soma à incerteza de fazer parte da criação, gerando um homem invejoso por considerar-se proscrito. Entre criar e ter sido criado pende ele, que de incertezas se dilacera e de inquietudes se destrói.

Porém, para chegar a esse estado de contemplação ativa, percebendo o mundo e indagando-se sobre ele, algumas condições lhe foram necessárias e houve então uma "metodologia da ascese", que lenta e marcadamente transformou este homem daquilo que ele sabe não mais ser, em algo que ele não sabe o que é.

A imagem aqui elaborada tem estreita relação com a escritura romântica, sendo esse homem à beira do abismo um retrato da condição, tanto do escritor, quanto do personagem "romântico", cara e coroa de mesmo níquel, espelho de múltiplos impasses, que serão aqui esquadrihados, mas não solvidos.

É-nos imprescindível, para tratar deste homem no abismo, analisar a vertigem a qual ele experimenta. Gaston Bachelard nos fala sobre a força da vertigem:

Imagens muito passageiras, muito pouco insistentes, às vezes podem nos dar uma espécie de consciência de vertigem, reanimar em nós uma vertigem entorpecida, engrama profundo do inconsciente. Na verdade, não é raro que toda uma vida tenha sido marcada pela vertigem de um dia. (BACHELARD, 1991, p.273)

O sentimento de vertigem é definitivo e acompanha um homem que o tiver provado por toda a vida porque, principalmente, está associado à queda e ao medo que todos têm desse evento da "verticalidade":

Impressões tão leves (quedas literárias) não poderiam tomar consistência, não poderiam ser transmitidas do escritor ao leitor se não houvesse em cada um de nós um diagrama de queda, um instintivo e indestrutível medo de cair. Sem o desastre íntimo das vertigens inescrutáveis, não se compreenderia direito a unidade das metáforas mais diversas, mais remotas[...] Em nós, todas as coisas podem cair, todas as coisas podem vir aniquilar-se em nós. (BACHELARD, 1991, p. 278-9)

Portanto, o homem à beira do abismo é alguém que compreende a iminência da queda (por ser possuidor do medo de cair) e o quão perto está da altura suprema (por avaliar a superioridade de sua posição, o posto mais próximo de um deus), pisando então o fio da navalha de sua existência e refletindo sobre a possibilidade do voo e da queda: nessa vertigem seu destino se decide entre criar (mandar, fazer) e ser criatura (obedecer, esperar).

Analisaremos, então, de que maneira essa imagem de um "sujeito abissal" foi retomada no Romantismo, sendo ao mesmo tempo arcaica (arquetípica) e nova; de que influências pode ter sido ela formada e de que maneira ela representa uma postura artística, essa sim nova, que revolucionou as percepções estéticas.

Isso partindo da lição crítica Bachelardiana que vai à imagem lendo o diálogo entre sua estrutura repetível na história simbólica da humanidade e sua aparição:

Não passamos de um leitor, um ledor. E passamos horas, dias, a ler em lenta leitura os livros linha por linha, resistindo o mais que podemos à sedução das histórias (isto é, à parte claramente consciente dos livros) para estarmos bem certos de habitar as imagens novas, as imagens que renovam os arquétipos inconscientes. Pois essa novidade é evidentemente o signo da potência criadora da imaginação. [...] A literatura deve surpreender. Certamente, as imagens literárias podem explorar imagens fundamentais – e nosso trabalho geral consiste em classificar essas imagens fundamentais – mas cada uma das imagens que surgem sob a pena de um escritor deve ter a sua diferencial de novidade. Uma imagem literária diz o que nunca será imaginado duas vezes. (BACHELARD, 1991, p.04-05.)

Sendo a novidade condição primeira da escritura, é imperioso saber como remodelar as "imagens fundamentais" de maneira que componham algo inusitado, visto ser muito difícil (senão praticamente impossível) não incluí-las na obra literária.¹

O devaneio que contém o cerne dessa discussão está n'Os sofrimentos do jovem Werther, de Goethe, sobre o qual agora nos debruçaremos.²

Por que aquilo que faz a felicidade do homem acaba sendo, igualmente, a fonte de suas desgraças? O intenso sentimento do meu coração pela natureza em seu esplendor, sentimento que tanto me deliciava, transformando em paraíso o mundo que me cerca, tornou-se para mim um tormento intolerável, um fantasma que me tortura e persegue por toda parte.

A carta inicia com uma questão, um impasse, o jovem Werther quer entender não só porque seu sentimento para com a Natureza transmutou de delícia em tormento mas porque da felicidade advém a desgraça. Ele deseja compreender uma impossibilidade: a de ser feliz, já que não mais o é. Existe a consciência de uma condição perdida e uma inquietude em relação à condição atual.

Outrora, quando, do alto de um rochedo, abrangendo com o olhar, para além do riacho, desde os vales férteis até as colinas, ao longe, eu via em torno de mim tudo germinar e frondescer; quando eu contemplava essas montanhas cobertas, da base aos píncaros, de árvores ramalhudas, e os vales sinuosos ensombrados de bosques deliciosos, o riacho que escorre tranqüilo entre os caniçais murmurejantes, refletindo as nuvens que a brisa da tarde molemente faz flutuar no céu; depois, quando ouvia os pássaros animar com seus cantos a floresta inteira, e enxames e mais enxames de moscardos dançando alegremente no último raio purpúreo do sol, cujo olhar de adeus, rápido como um relâmpago, libertava da prisão, entre as ervas, um escaravelho zumbidor; quando os ruídos e o movimento confuso em torno despertavam minha atenção para o musgo que tira sua seiva da pedra dura, e a giesta que cresce na encosta arenosa da colina, e tudo isso me revelava a vida ardente e sagrada da natureza – com que calor meu coração abarcava esse mundo de coisas!

Aqui a visão (lembrança do passado, já que iniciada por um “Outrora”) ganha uma amplitude infinita, abrangendo desde o cume das montanhas até o pequeno escaravelho; ela surge em movimento ascendente (riacho, vales, colinas, montanhas) até chegar à contemplação do céu, porém esse é visto nas nuvens refletidas no riacho, mundos distintos que se tocam e se misturam. O devaneio ganha movimento com os caniçais e som com os zumbidos dos moscardos e do escaravelho, e dessa confusão passa-se à percepção do inerte, do centro do barulho e da efervescência se repara no musgo e na giesta que silentes sugam as pedras para sobreviverem.

Toda a natureza está representada nessas poucas linhas: os animais, os vegetais e os minerais, a terra, a água, o ar (leve brisa) e o fogo (será o sol, ainda que purpúreo, outra coisa que não fogo?), mas não existe algo mais na Natureza que está fora da paisagem? Sim, a humanidade está fora desse mundo representado, o homem vê a natureza e não se encontra inserido. Werther percebe a beleza sagrada de tudo, e não está nela.

De algum modo, era como se eu me tornasse um deus pela plenitude de emoção que transbordava de mim, e as magníficas imagens do mundo infinito, agitando-se em minha alma, enchiam-na de uma vida nova. Via-me cercado de montanhas gigantescas; diante de mim abriam-se abismos onde se precipitavam as torrentes formadas pelas chuvas das tempestades. Embaixo, os rios rolavam suas ondas impetuosas, as florestas e as montanhas estremeciam. Eu via todas as forças insondáveis da natureza agir umas sobre as outras, e juntas se fecundarem na profundidade da terra; via espécies diversas de criaturas pulular sobre a terra e sob o céu.

Tudo se povoava de milhares de formas diferentes, e os primeiros homens se reuniam em sociedade, nas cabanas; depois, construíam suas casas definitivas, passando a reinar sobre o mundo inteiro!

Damos um passo adiante na vertigem, pois essa visão deixa de ser lembrança simples de um passado real e tange a corda do onírico. A posição do observador influi no desejo de sua condição, pois na montanha (rochedo), espaço que permite uma altura que predispõe proximidades com o sagrado³, ele se divinifica, percorrendo então, temporalmente, a criação, desde o início dos tempos até o surgimento dos homens⁴. Lembrando ainda Bachelard: “Assim acaba toda ascensão, como uma vontade de pedestal, de pedestal cósmico. O ser engrandece ao dominar a grandeza.” (BACHELARD, 1991, p. 295).

A natureza aqui não é mais estável nem plácida, é um conjunto de “forças insondáveis”: gigantescas montanhas, torrentes, abismos, tempestades, profundezas, em suma, manifestação violenta, abrupta e fértil, tormenta e caos que produzem vida, “milhares de formas diferentes” a “pulular sobre a terra e sob o céu”. Surgem então os homens, as sociedades e a civilização (“casas definitivas”) que vieram para reinar sobre a natureza. Porém, este homem que tudo vê e que como um deus se movimenta no tempo e no espaço é diferente destes reis do “mundo inteiro”, posto que não reina sobre nada, nem senhor de si parece: algo está deslocado, fora do lugar.

Pobre homem insensato, que julgas todas as coisas pequenas, por que és, também, tão pequeno? Desde as montanhas inacessíveis, para além do deserto que nenhum pé humano calçou, até a extremidade do oceano desconhecido, sopra o espírito daquele que cria, incessantemente, e rejubila-se a cada átomo de pó vivificado graças à sua palavra!

Chega-nos então a verdade que punge Werther, o homem não reina, ele não é deus e tudo é infinitamente maior que a humanidade; tão mais poderoso e glorioso é o criador que mal alcançamos imaginar os lugares e coisas onde ele se manifesta.

Werther passa aqui pela “sensação de esmagamento”: “O cenário majestoso reclama o ator heróico. [...] Ele pode viver [...] uma sensação inteiramente terrestre de esmagamento. Prosterna-se de corpo e alma diante de uma majestade da natureza.” (BACHELARD, 1991, p. 284). E ainda: “A montanha realiza realmente o Cosmos do esmagamento. Nas metáforas, desempenha o papel de um esmagamento absoluto, irremediável; exprime o superlativo da infelicidade pesada e sem remédio.” (BACHELARD, 1991, p. 285).

Da sensação de ser deus à percepção da pequenez humana vai o pobre Werther, momentaneamente, sofrendo a dor de ver sua ilusão destruída pela magnificência de deus.

Ah! quantas vezes, naquele tempo, ardentemente desejei deixar-me arrebatado, nas asas do grou que adejava sobre minha cabeça, rumo às margens desse mar que



Caspar David Friedrich. Mondaufgang Über dem Meer - Óleo sobre tela 55 x 71cm. National Galery, Staatliche Museum, Berlin

homem nenhum conseguiu medir, para beber, na taça espumante do infinito, a vida embriagadora que enche o coração, para sentir, um só momento, fraco e limitado como me sinto, correr em minhas veias uma gota da felicidade proporcionada pelo ser que produz todas as coisas em si e por si mesmo!

Então surge a vontade de voar, de se lançar deste rochedo, nas asas dos que podem voar, para alcançar o que ninguém viu, provar o supremo sabor da divindade, da capacidade de gerar vida, para encher a si (“fraco e limitado”) da seiva de todas as coisas: ele quer se sentir vivo tendo provado o gosto da criação, não mais sendo deus, mas matéria plena de sua vontade, parte integrante da grande obra, geração incluída na natureza. “Irmão, só a lembrança dessas horas basta para me fazer feliz! O próprio esforço feito para reviver em mim essas sensações indizíveis, e para exprimi-las, faz com que minha alma a si mesma se supere, para em seguida obrigar-me a sentir duplamente o horror de minha atual situação.”

A compreensão de sua atual situação só se dá através das lembranças da solitária contemplação da natureza, do embate vertiginoso que ocorreu tempos atrás entre a majestosa criação divina (espelho fiel de seu criador) e o homem que provou questionar-se a respeito de sua própria existência frente a tamanha beleza. “Ah! as grandes e raras calamidades deste mundo (...), nada disso me comove; o que me dilacera o coração é essa força destruidora oculta em toda a natureza, essa força que nada cria senão para destruir-se e destruir o que a cerca ao mesmo tempo.”

O que Werther ardentemente deseja é entender a criação, mais que isso, o ato próprio de criar, a possibilidade de unir beleza e destruição, vida e morte, em suma, ser sagrado, supremo, divino. Mas nosso herói não consegue resolver seu enigma e abraça a desdita como condição única de saída. A morte lhe é natural caminho, retorno e inclusão na obra da qual não cria ele fazer parte.

A imagem do homem solitário contemplando a natureza já havia se manifestado na obra de Jean-Jacques Rousseau, **Os devaneios do caminhante solitário**, cuja abertura:

Eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companhia. Procuraram [...] que tormento poderia ser mais cruel para a minha alma sensível e quebraram violentamente todos os elos que me ligavam a eles. (ROUSSEAU, 1986, p. 23)

Demonstra que a solidão foi provocada pelos outros homens, aqueles a quem ele antes considerava seus amigos. Porém, a partir desse exílio do mundo, o sujeito deslocado se propôs, voltando-se à natureza, a dedicar-se à compreensão dos fatos que o levaram àquela situação e, mais que isso, compreender sua caminhada e sua existência: “[...] o desejo, enfim, de traçar para o resto de minha carreira um caminho menos incerto do que aquele no qual acabava de passar a mais bela metade, tudo me obrigava a esta grande revisão”. (ROUSSEAU, 1986, p. 44)

O mundo dos homens deixa, então, de ter relevância, importando ao caminhante somente a natureza e o próprio ser, isto porque não existe nada de válido na civilização: “de todos os estudos que procurei fazer em minha vida entre os homens não há quase nenhum que não teria feito igualmente sozinho numa ilha deserta” (ROUSSEAU, 1986, p. 42).

E porque é preciso entender a “finalidade de tudo”: “A meditação no retiro, o estudo da natureza, a contemplação do universo forçam um solitário a lançar-se continuamente para o autor das coisas e a procurar com uma doce inquietude a finalidade de tudo o que vê e a causa de tudo o que sente.” (ROUSSEAU, 1986, p. 43).

Seu esforço se transforma numa preparação para um novo estágio, para o contato com o divino que se manifesta, criando a possibilidade de um mundo diferente, onde solitários, insatisfeitos e todos os que não se encaixam na sociedade podem “caminhar” e descobrir que na revolta silenciosa está a possibilidade de mudança. A resposta ao mundo como está constituído se faz com a negação dele e com a criação de um modo novo de ver, não mais o mundo, mas o universo. Por isso a importância de se dar as costas à sociedade, e voltar a atenção acurada para a natureza, podendo ser esse “exílio evasivo” tanto numa ilha longínqua quanto no alto de um abismo, procurando encontrar a verdadeira felicidade, o toque do divino, o vôo, o êxtase:

Mas se há um estado em que a alma encontra um apoio bastante sólido para descansar [...], em que o presente dura sempre sem contudo marcar sua duração [...], sem nenhum outro sentimento de privação nem alegria, de prazer nem de dor, de desejo nem de temor, a não ser o de nossa existência e em que esse único sentimento possa preenchê-la completamente, enquanto este estado dura, aquele que o vive pode ser chamado feliz, não de uma felicidade imperfeita, [...] como a que se encontra nos prazeres da vida, mas [...] perfeita e plena, que não deixa na alma nenhum vazio que sinta a necessidade de preencher (ROUSSEAU, 1986, p. 76).

Nesse instante infinito, repleto de felicidade, se permite a suspensão dos sentimentos e sentidos, provocando a queda completa dentro de si, para que se compreenda a alma, instante independente do tempo e pleno, insubstituível e irrepetível, místico e sagrado. Alcançando este estado, o homem pode entender a motivação para a existência da vida, compreender que a infelicidade é que é momentânea, sendo possível através do contato com a essência da criação também ser parte da criação.

A ascese sacraliza o indivíduo, elevando-o e tornando-o parte compartilhada da matéria do deus “natural”⁵, fazendo dele maior que os homens, menor que os deuses mas um intermédio absoluto de poder, momentâneo num segundo eterno e perfeito em sua plenitude abissal.

Outro exemplo, contemporâneo⁶ do Werther e de Rousseau, que traz forte marca da “ascese do abismo”⁷ é **Paulo e Virgínia**, de Bernardin de Saint-Pierre. Nesse romance, a fuga da civilização se dá pela procura de fortuna, que traz desdita para as duas personagens centrais da trama, posto que ambos maridos morrem, deixando-as sozinhas, mas que acabam dividindo terras e vidas nas Ilhas Maurício. Elas recebem a chance de se redimirem através da educação “natural” de seus filhos, cercados por todas as virtudes e sem contato algum com os vícios. Paulo e Virgínia são ingênuos, puros, castos, religiosos e mais que tudo criados no contato precioso da natureza, que lhes dá tudo de que necessitam. Quando vão procurar algo fora deste paraíso (a ida de Virgínia para a Europa) a tristeza, a desgraça e a morte se lançam sobre a vida pacata de outrora.

A obra possui passagens que poderiam ter sido tiradas diretamente de Rousseau e que também possuem forte carga do sentimento de vertigem por nós já estudado, das quais citaremos algumas, em que isso é evidente:

Refugiar-se nos lugares mais silvestres e mais desertos é um instinto comum a todos os seres sensíveis e sofredores, como se os rochedos fossem proteção contra o infortúnio e a paz da natureza acalmasse as perturbações dolorosas da alma. (p.11)

Como era agradável ir àquele lugar onde se usufruem, ao mesmo tempo, uma vista imensa e uma solidão. (p.10)

Acredito como princípio certo da felicidade, que é preferível preferir(sic) as vantagens da natureza a todas as da fortuna e que não devemos procurar fora o que podemos encontrar dentro de nós. (p.42)

Sem muito esforço em procurar, aqui temos rochedos, imensidões, natureza, solidão, procura dentro de si mesmo e sofrimento, tudo de que Rousseau falava e que Werther experienciava.

Verdadeiras lições da ascese são fornecidas: “A solidão devolve em parte a ventura natural ao homem, afastando-o da desgraça social.”(p.53); ou ainda: “Na solidão, (...) a alma liberta-se das ilusões exteriores que a perturbam; readquire o puro conhecimento de si mesma, da natureza e seu criador.” (p.53)

Principalmente quando proferidas por um velho senhor, que tudo viu e presenciou, um solitário que

aprendeu com a natureza como se tirar dela o proveito melhor, a virtude absoluta:

Na categoria dos solitários, encontram-se homens que tornam mais longa a duração da vida, como por exemplo os brâmanes da Índia [...] Como um homem salvo do naufrágio em um rochedo, da minha solidão contemplo as tempestades que agitam o resto do mundo; meu próprio repouso se intensifica com o barulho distante do temporal.[...] Quanto a mim, deixo-me levar em paz, pelo rio do tempo, para o oceano do porvir que não tem praias; e pelo espetáculo das harmonias atuais da natureza, eu me dirijo ao seu autor, esperando destino melhor, num outro mundo. (p.53-4)

Ou ainda: “Deus existe, meu filho: toda natureza o anuncia; não preciso prová-lo.” (p.80)

O que ele propõe, é uma metodologia da ascese, que compreende a certeza da existência de deus pelo reflexo que dele é a natureza, resignação, silêncio, quietude, gratidão, controle e contemplação, passos importantes para os brâmanes indianos, para os quais se aconselha:

- Solidão: “que ele vagueie, sempre solitário, sem qualquer companhia a fim de alcançar (a liberdade final), compreendendo plenamente que o (homem) solitário (que) não abandona nem é abandonado alcança seu objetivo”.

- Gratidão e quietude: “que ele não deseje morrer, que ele não deseje viver; que ele aguarde a chegada de sua hora (marcada), assim como um criado (aguarda) o pagamento de seu salário.”

- Controle: “que ele suporte palavras ásperas pacientemente, que não insulte ninguém e que não se torne inimigo de nenhuma pessoa por causa deste corpo (percível)”.

Para que: “reprimindo seus sentidos, destruindo o amor e o ódio, e abstendo-se de maltratar as criaturas, ele se torna apto para a imortalidade” Leis de Manu (ELIADE, 1995, p. 261-2)

Demonstrando contemplação e respeito pelas criaturas (obras de deus), essas leis milenares hindus parecem, através de mecanismos arquetípicos, ter reaparecido no pré-romantismo e fornecido origens sagradas para novos modos de perceber e conceber o mundo e a criação artística.

Percebe-se, tanto na filosofia de Rousseau como na literatura pré-romântica, um mesmo princípio epocal, um conjunto de valores contemporâneos bem manifestados, baseados nessa “ascese abissal”, que originaria a inspiração do gênio romântico, dando-lhe condições para produzir o belo (segundo inspiração divina) baseado num processo gradual que garantiria o contato com a matéria sagrada do universo.

A proposição é a de uma contemplação solitária e resignada da natureza (posto que ela, e somente ela, pode contar o caminho para a criação) que jogue todas as dúvidas e inquietudes de encontro à eferescência do poder divino manifestado no mundo criado. A intensidade deve ser imensa como a amplidão que se vê do alto

de um abismo em que o homem pudesse se lançar nos braços da morte ou no vôo místico. Um êxtase voraz que possa tocar a essência do universo e compreender o processo da criação. Ali, no interior de tudo (e portanto de si mesmo) encontraria esse homem motivação e matéria para erigir o belo absoluto.

Essa proposição gerou uma postura nova nos escritores pré-românticos (e conseqüentemente nos românticos) de buscar inspiração na natureza, usando-a não apenas como cenário mas também como tema. Toda espécie de natureza passou a fazer parte do ideário romântico, a geografia do mundo representado se expandiu (inclusive com representações de lugares nunca visitados pelos autores), os mistérios passaram a ser interesse primeiro (e sabemos que até hoje a natureza possui mistérios lentamente desvendados), os sonhos e devaneios ganharam lugar de destaque (o abismo do eu é a evasão melhor para se compreender tudo, como já nos disse Rousseau) e a temporalidade foi dilatada, já que no momento eterno do êxtase pode o artista viajar para qualquer época, ser de qualquer tempo, ser imortal.

Esse plano geral para a criação artística, para a representação estética, transbordou dos autores, nos casos estudados, para os personagens, espelhando as experiências místico-existenciais de ambos. Werther não decifra enigma algum, ele está na enunciação deste problema, ele simboliza uma angústia de aprendiz, daquele que está se preparando para os grandes passos, mas que na trajetória deixou escapar algo, ou não se concentrou o suficiente. Ele opta pelo turbilhão em que se lança e prova toda a força da crueldade do destino.

Paulo, do alto do penedo, em posição inversa, dando as costas ao paraíso e sonhando com a sociedade que lhe roubou a amada, profana o espaço onde poderia ter aprendido a lição maior da natureza, falhando por isso. Virgínia, voltando corrompida pela busca de fortuna na civilização, da convulsa proa que afronta a natureza de sua terra natal, sucumbe no oceano.

Dentre eles, aquele que seguiu todos os passos, arguta e consenciosamente, o velho senhor que conta a tragédia das Ilhas Maurício, segue seu caminho feliz e resignado, esperando a beatitude final. A sombra de Rousseau paira nas imensidões.

O homem à beira de um abismo representa, portanto, tanto o modo de apreensão do mundo pelos artistas românticos como seu processo de criação. A vertigem é transposta dos desertos indianos, onde os brâmanes tentam alcançar o saber supremo, para as insondáveis montanhas onde se prova a sensação de esmagamento (pequenez) aliada ao sentimento de pedestal (superior proximidade a deus) e se espalha, através de uma ascese abissal, para todo lugar onde se possa observar acuradamente a natureza e extrair dela o néctar divino da criação.

O belo divino se manifesta então, na arte, através daqueles gênios que souberem seguir o caminho até o fim e se tornarem demiurgos na nova estética e sacerdotes do absoluto.

NOTAS

- 1 Para compreender a maneira como as imagens levam aos arquétipos e sua permanente recorrência na literatura ver MELETINSKI, E.M. **Os arquétipos literários**. Ateliê Editorial, São Paulo – 1998, que traça um histórico dos estudos arquetípicos, originados da obra de C.G. Jung.
- 2 Carta de 18 de Agosto. GOETHE (1989) p.68-71. As citações estão na seqüência do texto, sendo quase a totalidade da carta. (Grifo meu).
- 3 Mircea Eliade nos ensina que na proximidade com o sagrado a tentação de profaná-lo é maior, quem alcança um estado divino, também deseja ser Deus. Cf. **O sagrado e o profano**. Martins Fontes, São Paulo-1996.
- 4 A analogia é conhecida mas nem por isso menor: Jesus Cristo foi levado ao alto de uma montanha durante a tentação do demônio, onde esse lhe mostrou toda a história da humanidade.
- 5 Não discutiremos aqui a relação entre o culto à natureza e as religiões primitivas com cultos de fertilidade que celebram a Mãe-Terra. Para aprofundar a questão ver ELIADE (1989 Cap. VIII) e CAMPBELL (1997).
- 6 Werther é de 1774, sendo Os devaneios... de 1777 e Paulo e Virgínia de 1787. Segundo GUINSBURG (1993) p. 299 et seq.
- 7 SAINT-PIERRE (1986) Todas as citações são desta edição, com a paginação entre parênteses.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- CAMPBELL, Joseph et al. **Todos os nomes da deusa**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- ELIADE, Mircea. **O conhecimento sagrado de todas as eras**. São Paulo: Mercuryo, 1995.
- _____. **Mitos, sonhos e mistérios**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- _____. **O sagrado e o profano**. Martins Fontes: São Paulo-1996.
- GOETHE, Johann W. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989
- GUINSBURG, Jacó. (Org.) **O romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- MELETINSKI, E. M. **Os arquétipos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Brasília: Ed. da UnB, 1986.
- SAINT-PIERRE, Bernardin de. **Paulo e Virgínia**. São Paulo: Ícone, 1986.